

LOCALIZAÇÃO E DESTINO DOS CENTROS URBANOS DE TRÁS-OS-MONTES

À MEMÓRIA DE VIRGÍLIO TABORDA

Trás-os-Montes é, no conjunto do território português, uma área singularmente frouxa na sua rede urbana ⁽¹⁾. Mesmo tendo em conta as vantagens da frente litoral e excluindo o Porto e os seus satélites, cuja fortuna só se explica pelas relações marítimas distantes, os três distritos minhotos, com 7120 km², têm três centros urbanos costeiros de 13 000 a 18 000 habitantes ⁽²⁾ (Vila do Conde, Viana do Castelo e Póvoa do Varzim) e dois interiores que ultrapassam o limiar geralmente aceite para justificar a existência de equipamentos citadinos: Guimarães, com 23 000 habitantes e a originalidade do seu complexo industrial (curtumes, cutelarias, fiação e tecelagem de algodão), e Braga, com 41 000, centro administrativo, comercial, cultural, religioso, nó de estradas, mercado de uma área densamente povoada, com indústrias tradicionais de calçado, chapelaria e mobiliário; além disso, uma antiga cidadezinha eclesiástica (Penafiel, 4400 habitantes) e várias vilas, mesmo pequenas, onde se desenvolvem estruturas urbanas ⁽³⁾

⁽¹⁾ Consideram-se tanto as povoações com a categoria administrativa (capitais de distrito) ou honorífica de cidade (as mais pequenas geralmente antigos bispados) como as vilas urbanas, segundo o critério noutro lugar indicado: O. RIBEIRO, «Proémio metodológico ao estudo das pequenas cidades portuguesas», *Finisterra*, vol. IV, n.º 7, 1969.

⁽²⁾ Os resultados do censo de 1970, publicados por freguesias, não distinguem os mais pequenos centros urbanos e, por isso, utilizam-se os números de 1960, poucas vezes actualizados.

⁽³⁾ ISABEL MARQUES MEDEIROS, «Arcos de Valdevez. Estudo de Geografia Urbana de uma vila do Alto Minho», *Finisterra*, vol. V, n.º 10, 1970.

que dão um toque citadino à sua fisionomia. Trás-os-Montes, com 10 780 km², possui uma cidade com 13 000 habitantes (Chaves), uma das poucas capitais de distrito com menos de 10 000 habitantes — Bragança (as outras são Guarda e Leiria), outra que quase não ultrapassa esse número (Vila Real), a mais pequena cidade do país, Miranda do Douro, que conserva o título por ter sido bispado, e apenas duas vilas que tendem a aproximar-se do limiar urbano.

CONDIÇÕES NATURAIS

Mostrei ⁽⁴⁾, a propósito dos arredores do Porto, como os pobres solos de quartzito e ardósia desenham um claro na densa ocupação dessa área, cuja base rural, a despeito de uma intensa e variada actividade industrial e da proximidade de uma grande aglomeração, fica patente neste facto. Nesses descampados da «Terra Negra», que os viajantes tinham de atravessar para chegar à cidade, infestados por quadrilhas de salteadores no tempo das lutas liberais, só a extracção da lousa e as minas de carvão atraem os homens, voltando-se, passada a faixa de pinhais que revestem esses solos, à densa ocupação das terras graníticas. Não há melhor exemplo do que o desta área pletórica de gente para se ver como a distribuição da população está fortemente condicionada pelo seu apoio agrário.

Em Trás-os-Montes (fig. 1), terra de pequenas e poucas cidades, estas estão enlaçadas no seu quadro campesino, surgem nas depressões onde o terreno é mais fértil e, num clima severo de planalto, permite a rega e maior variedade de culturas mediterrâneas. *Grosso modo*, pode considerar-se a curva de 700 metros como o limite dessas culturas: a oliveira detém-se um pouco abaixo, a vinha sobe mais, mas a sua produção não ultrapassa geralmente as necessidades da aldeia; deve recordar-se ainda outra cultura mediterrânea, a da amoreira, fundamento da indústria de panos de seda, que tanta importância teve na vida económica da província até cerca de 1876. A economia antiga dos planaltos comportava

⁽⁴⁾ *Portugal in Geografía de España y Portugal*, t. v, Barcelona, 1955, p. 106.

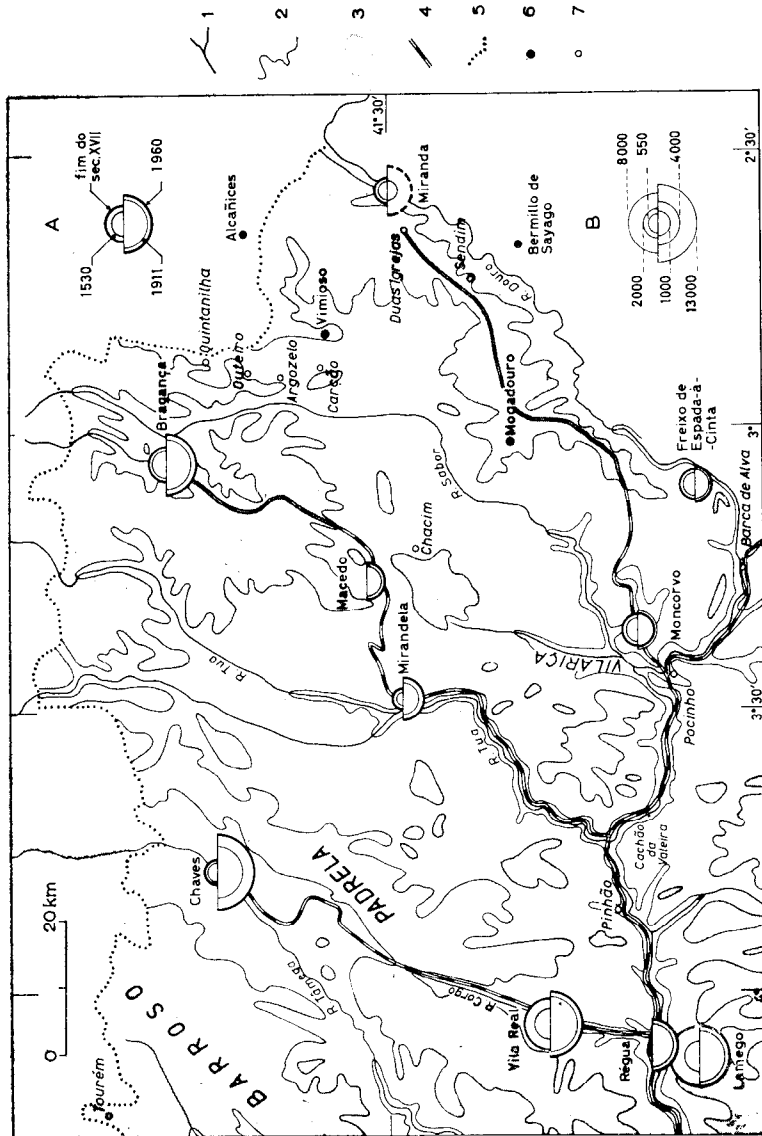


Fig. 1 — Os centros urbanos de Trás-os-Montes. A evolução da população dos centros urbanos está indicada com um sistema de semicírculos: A — Dados dos quantitativos indicados; B — relação entre o tamanho dos semicírculos e a população. 1 — Rios principais; 2 — curvas de nível de 300 e 700 metros; 3 — altitude superior a 700 metros; 4 — caminhos-de-ferro; 5 — fronteira; 6 — centros urbanos sem indicação da população; 7 — aldeias citadas no texto.

apenas o afolhamento biennial do centeio (hoje a batata ocupa o maior número de pousios), a criação de ovelhas e cabras nos restolhos e no *monte* (baldios incultos) e de vacas nos lameiros à beira de água. VERGÍLIO TABORDA esquematizou admiravelmente os traços gerais da paisagem agrária: «A distribuição das culturas era função da topografia, da exposição, da vizinhança da água e habitações. Junto das casas, os quintais, cortinhas e hortas; à beira de água, os linhares; as vinhas, nas colinas e encostas viradas ao sol; estendendo-se mais longe, as searas; e, por fim, trepando às encostas, manchando de verde sombrio os planaltos, a mata de castanheiros. Tudo o mais era o descampado, a imensa extensão das terras bravias e incultas.»⁽⁵⁾ Nesta economia, sobre autárquica, francamente pobre, não se encontram estímulos de génese ou de desenvolvimento urbano.

Numa área onde se imbricam planaltos e depressões, poucos centos de metros podem criar à vida rural condições mais favoráveis e assegurar o excesso susceptível de entrar nos circuitos comerciais. Essas depressões, embora afeiçoadas pela erosão, são de origem tectónica, fossos ou abatimentos. Uma grande cutilada, que aqui e além se alarga em bacias alongadas, vem da Galiza e atravessa o Douro na Régua: aí ficam as maiores cidades da província, Chaves (13 000 habitantes), numa veiga fértil, onde recentemente se incrementou a rega por uma obra de hidráulica, e num passo frequentado da fronteira, Vila Real (10 000 habitantes), num planalto entre dois vales profundos, onde se abaixam vários compartimentos do relevo, sorte de bacia alongada de fundo reentalhado pela erosão actual, dominada por altas escarpas montanhosas em que sobressai o Marão. Onde o vale apertado do Douro se cruza com a linha de fractura, no único alargamento do seu curso encaixado até à foz, fica também a única aglomeração importante das suas margens, a Régua (5500 habitantes), constrangida entre os cais e as casas

(5) *Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*, Coimbra, 1932, p. 109. Tese de doutoramento de um autor falecido pouco depois, verdadeiramente clássica na composição e no estilo, que ainda se lê com tanto agrado como provcito.

próximas onde chegam as cheias de um dos rios de maior variação de caudal que se conhecem no mundo, e a curva de nível por onde passa a estrada, que é a única rua plana da vila e donde sobem e descem ladeiras pela encosta onde ela se expandiu. O caminho-de-ferro e a estrada moderna, por traçados que decalcam em parte caminhos antigos, aproveitaram este sistema de fossos e portelas. O eixo de circulação que assim se definiu, e que conduz à única passagem importante da raia, não deve ter sido estranho à separação da província tradicional em dois distritos administrativos — ocidental e oriental ⁽⁴⁾. Bragança ocupa também o fundo de um abatimento, hoje roto pelo Sabor e seus afluentes, que atenua a austeridade climática dos planaltos envolventes.

Como sempre, os dispositivos naturais condicionam mas não obrigam. Por isso, o fosso da Vilariga não possui qualquer centro importante, embora ajude a compreender a fortuna de Moncorvo, já nas encostas que o dominam, mas em relação com a prosperidade agrícola do seu fundo; no lugar aberto onde cruza o Douro, se formou, sobretudo como entroncamento do caminho-de-ferro de Bragança, a moderna e insignificante aglomeração do Pocinho. O desenvolvimento da Régua, vila ribeirinha que sucedeu à povoação abandonada do Peso, data da fundação da Companhia das Vinhas do Alto Douro (1756), mas já aí existia um embarcadouro que passou a comandar a navegação e escoamento de produtos da região do Douro para o Porto, servindo como porto fluvial a duas cidades próximas: Lamego e Vila Real. Pocinho é um lugar recente, como toda a agricultura do Cachão da Valeira a Barca de Alva, de quando se rompeu aquele obstáculo (1792), e a navegação primeiro, o caminho-de-ferro depois, conseguiram promover a plantação (aliás mais de oliveiras e amendoeiras do que de vinha) destas encostas cobertas dum matagal mediterrâneo, onde predominava o medronheiro e donde emergiam sobreiros e oxicedros.

⁽⁴⁾ Separação que aliás se ajusta a certo contraste entre Trás-os-Montes granítico e xistento, mais atlântico e mais interior, aquele mais povoado e com uma malha mais apertada nos estabelecimentos humanos.

PRINCIPAIS CENTROS EM 1530

Esta modéstia de centros urbanos é antiga. Segundo o *Numeramento* de 1530 ⁽¹⁾, nenhum alcançaria 2000 habitantes. Bragança vinha à cabeça, com 481 moradores na cidade (com cerca e castelo, a que ainda hoje se chama «a vila») e arrabaldes, que já então se começavam a desenvolver e constituem a parte mais vasta e mais viva da povoação actual. Seguiam-se Vila Real, «cercada de boa cerca», com arrabaldes, 478 moradores; Freixo de Espada Cinta, com um bom castelo forte e cercado e arrabaldes, 447 moradores; Chaves, vila cercada e acastelada, com 385 moradores (nesse ano mortos 80 com a peste, «os mais são fugidos»); Miranda do Douro, «cercada e acastelada, e a cerca da vila e assi a do castelo é muito forte e grande», com 287 «na vila e arrabaldes» ⁽²⁾;

⁽¹⁾ Efectuado em 1527 para o resto do País e naquele ano para Trás-os-Montes; publicado por BRAAMCAMP FREIRE, «Povoação de Trás-os-Montes», *Arquivo Historico Portuguez*, t. VII, Lisboa, 1909. Depois de ter proposto a conversão de 4 a 5 habitantes por fogo ou morador, aceito hoje, com COSTA LOBO, *História da Sociedade em Portugal no Século XV*, Lisboa, 1903, pp. 27-32, a relação de 1:4, revelada pelos recenseamentos modernos. Sobre o assunto ver ainda O. RIBEIRO, *Portugal*, t. v da *Geografia de España y Portugal*, Barcelona, 1955, pp. 97-101, e as pertinentes reservas de VIRGÍNIA RAU, «Para a história da população portuguesa dos séculos xv e xvi», *Do Tempo e da História*, I, Lisboa, 1965. As relações adoptadas por autores estrangeiros citadas neste trabalho vão de 3,5 a 8,5, com larga margem de incerteza na maneira de aplicá-las. «Exigência metodológica e reflexiva que, como se viu, tão pouca atenção tem merecido a muitos dos nossos geógrafos e até historiadores quando se ocupam de demografia histórica. Sem olvidar, repetimos, a distinção imperiosa, mas ainda por estabelecer em Portugal, entre o coeficiente a adoptar para as aglomerações urbanas e para as zonas rurais». Penso que os geógrafos «e até historiadores» que se ocuparam do assunto distinguiram suficientemente um *número*, resultante de uma operação de contagem, e uma *ordem de grandeza* quando propõem a conversão de «moradores» em habitantes, para poderem usar a forma moderna de exprimir a população.

⁽²⁾ É tão frequente a expressão, uma vez que as povoações haviam trasbordado das suas muralhas medievais, que nem sempre poderá tomar-se ao pé da letra. O desenvolvimento de Miranda *extramuros* é dos nossos dias e parece pouco provável que o tivesse no século xvi: a porta conservada da muralha medieval, por onde talvez se fizesse o principal acesso à povoação, abre-se para um descampado.

Torre de Moncorvo, «cercada com cerca derribada», na vila e arrabaldes 245. Mais nenhuma povoação ultrapassava 200 moradores (800 habitantes); Mirandela, de que se falará adiante, apenas tinha 77.

DO SÉCULO XVII AOS NOSSOS DIAS

No fim do século XVII, segundo o P.^o CARVALHO ⁽⁹⁾, a posição relativa dos centros urbanos de Trás-os-Montes era a seguinte (note-se que a população é *estimada* e não *contada*, como o fora, com razoável cuidado, em 1530):

1) «Quatro léguas de Lamego para a parte do norte, em um vistoso e alegre plano, tem seu assento esta nobre Vila (Real), a maior e melhor povoação da província de Trás-os-Montes», com um pequeno «castelo e muros com três torres... mas a maior parte das casas fica fora dos muros e dentro deles oito ou dez», com 1500 vizinhos no total (cerca de 6000 habitantes) — o que lhe dá certo vulto entre as aglomerações interiores. «Seu nome é Vila Real por estar entre dois rios, um dos quais passa junto a ela e outro corre pouco afastado». Enumera os apelidos de 15 «famílias nobres e antigas e outras muitas»; «tem grandiosa praça com chafariz», que ainda hoje forma o centro da cidade, boas saídas para toda a parte, «bem provida e abastada de oficiais mecânicos e mercadores (...), tem grande colheita de muitos e bons vinhos que, embarcados pelo rio Douro (...), se conduzem à cidade do Porto e daí a partes ultramarinas, com

⁽⁹⁾ P.^o ANTÓNIO CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa*, t. I, 2.^a ed., Braga, 1868. A obra tem licenças de 1701. «Com um largo giro, que fizemos por todo este Reino, observámos a arrumação de suas povoações, as distâncias entre umas e outras, as alturas das principais, servindo-nos muito a este fim o estudo, que sempre cultivámos das Matemáticas. Os olhos nos informaram do estado presente de tudo o que se descreve: as etimologias dos nomes, as tradições dos sucessos, os milagres que não estão aprovados, e as maravilhas da natureza, que referimos, nem defendemos nem condenamos, mas ingênuamente expomos ao juízo, e credulidade dos Leitores, que piedosamente devem perdoar todas as omissões em tão vasta matéria, em que nos foi preciso fiar de informações, que nem sempre são verdadeiras, e de que procurámos as que nos pareceram melhor intencionadas.» (Prólogo).

grandes interesses e utilidade dos moradores» ⁽¹⁰⁾. É portanto uma cultura mediterrânea rica que lhe sustenta a prosperidade; na sociedade avultam os nobres, elemento essencial do prestígio urbano, mas também gente mecânica e comerciantes — sector terciário relevante, para empregarmos a linguagem actual. Situada, pela população, entre Chaves e Bragança, Vila Real é, pelo importante cruzamento de estradas, pelo rasgo da avenida central, pela animação das ruas comerciais, pelos bairros e arruamentos novos, a mais «urbana» das pequenas cidades trasmontanas. Na parte central, as casas de janelas rasgadas e beirais salientes, revestidos de azulejos, denunciam, como em Lamego, a influência do estilo citadino do Porto, com que o Douro próximo as punha em comunicação.

2) Bragança, situada «em espaçosa e alegre planície», vinha muito abaixo, com 500 vizinhos; dividia-se (como hoje) em cidade e *vila*, esta dentro de um poderoso castelo, com três praças, uma dentro da vila e duas no arrabalde, que se tornara, já nesse tempo, a parte mais importante da povoação; 22 apelidos nobres e quatro conventos; abundante de pão e vinho, nela se fabricam panos de seda de várias qualidades ⁽¹¹⁾. Esta indústria floresceu até ao fim do século XVIII. Igrejas e palácios recordam a prosperidade antiga da cidade. É significativo do declínio da nobreza com base rural que, nos seus dois mais belos solares, se instalassem o museu e a agência do Banco de Portugal. Como capital de distrito é, sem dúvida, a menos equipada e animada de todo o País.

3) Torre de Moncorvo, com 460 vizinhos, parece ter aumentado muito (ver as reservas antes indicadas) em relação a 1530; no seu termo, matas de carvalhos e pinhos (note-se a antiga difusão do pinheiro bravo para o interior), soutos, muitos olivais e poucas vinhas (uma vez mais, culturas mediterrâneas); fábricas de sabão e o «armazém da feitoria do linho cânhamo» produzido na Velariça, de muita utilidade nas armadas; também são «conhecidos no Reino os melões

⁽¹⁰⁾ *Ob. e t. cit.*, pp. 455-456.

⁽¹¹⁾ *Idem*, pp. 437-438.

da Velariça por sua bondade»; 50 casas de pessoas nobres ⁽¹²⁾. Povoação importante, situada fora mas comandando uma depressão fértil e vendendo os seus produtos ou mimos para todo o reino. Das três feitorias que se criaram no meado do século XVII, para incentivar e concentrar a produção e o comércio do cânhamo, necessários às enxárcias e morrões da artilharia, uma foi fixada em Moncorvo (as outras em Coimbra e Santarém) ⁽¹³⁾. Esta cultura perdeu importância com a decadência da navegação à vela e com ela decaiu provavelmente a vila que era seu centro. O tardio advento dos meios de comunicação modernos e o isolamento desta área apenas parecem ter-lhe acelerado o declínio (3100 habitantes em 1911, 2700 em 1960, 2400 em 1970, na freguesia, com uns 70 habitantes fora da sede em 1960). A proximidade das minas de ferro, muito ricas mas intermitentemente exploradas, nunca fixou população. Era, em 1911 (com excepção da Régua, inserida noutro contexto de relações), a maior vila de Trás-os-Montes, ultrapassando 3000 habitantes, quando outras (excepto Mirandela com 2300) não alcançavam ou pouco excediam metade desse número. Em 1940 ainda tinha a mesma população que Macedo de Cavaleiros, mas esta irá avantajá-la pelo seu comércio local, armazenistas e distribuidores, como adiante se verá. Dominada por uma imponente igreja dos meados do século XVI, com alguns solares brazonados, uma praça ampla e ruas estreitas de casas modestas, Moncorvo é uma vila sem animação, com um equipamento comercial reduzido e uma irradiação regional restrita, que não corresponde, de modo nenhum, à importância do seu passado.

4) Chaves, 400 vizinhos, no meio de «uma espaçosa veiga de três por meia légua de terras férteis e abundantes de pão e linhos» (indício de regadio que há poucas dezenas de anos se incrementou com obras hidráulicas); importante fortificação antiga, «emendada ao moderno», guarnição militar, sede do governo de armas de toda a província (praça forte

⁽¹²⁾ *Ob. e t. cit.*, pp. 369-375.

⁽¹³⁾ *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por JOEL SERRÃO s. v.

fronteiriça), 6 tabeliães, 23 famílias nobres «e outros muitos» ⁽¹⁴⁾.

A aparatosa igreja da Misericórdia, edificada nos fins do século XVII, indica a existência de uma classe opulenta. No princípio do século seguinte fundou-se um hospital importante e junto dele funcionou uma aula de cirurgia, principalmente para preparação de cirurgiões dos regimentos que guarneciam Trás-os-Montes. A sua Rua Direita, decalcada na *decumana* da povoação romana, conserva ainda a fisionomia tradicional ⁽¹⁵⁾, mas foi duplicada por uma larga rua-estrada que é hoje o principal eixo comercial. Depois de uma longa letargia, apenas animada pela função militar de vila fronteiriça e pela presença estival de aquistas, Chaves, subordinada administrativamente a Vila Real, elevada a cidade em 1919, tem um surto importante devido ao incremento da agricultura na sua bacia com a obra de rega e ao fluxo de turismo automóvel que por aí passa ou se detém. Actualmente o seu equipamento comercial é mais amplo e mais diferenciado do que o de Bragança, capital de distrito ⁽¹⁶⁾.

5) Freixo de Espada Cinta, 370 vizinhos, diminuía em relação a 1530 (447). A vila fica no sopé de uma colina, coroada por um forte castelo que, no começo do século XVI, se encontrava em perfeito estado de conservação. A importante igreja manuelina, que se inspira na arquitectura interior dos Jerónimos, e o retábulo de dezasseis tábuas, atribuído a Grão Vasco, que enriquece a capela-mor, mostram que a arte culta podia penetrar até aos mais longínquos recessos da província, desde que os recursos locais permitissem pagar os mestres, canteiros, pintores, entalhadores. Outras construções da mesma época parecem testemunhar uma fase de apogeu ⁽¹⁷⁾, seguida de estagnação ou modesto crescimento: um convento, fundado no fim do século XVII, «pouco afastado

⁽¹⁴⁾ *Ob. e t. cit.*, pp. 447-448.

⁽¹⁵⁾ J. LEITE DE VASCONCELLOS, *De Terra em Terra*, t. I, Lisboa, 1927, pp. 67-68, viva descrição de 1915.

⁽¹⁶⁾ Bragança tem, contudo, um centro comercial que falta a Chaves, pelo seu recente desenvolvimento periférico.

⁽¹⁷⁾ «É talvez a vila com maior número de casas manuelinas existentes no País», REYNALDO DOS SANTOS, *Guia de Portugal*, vol. V, p. 1053, com boa descrição deste autor.

da vila», marca-lhe hoje o fim e não teve dinamismo para promover a formação de um arrabalde. Fica próximo da vila o fundo entalhe do Douro, que vários barrancos, alguns com correspondência nas duas margens, tornam menos selvagem; os campos à roda da aglomeração situam-se num planalto retalhado em torno de 500 metros. A área de Freixo escapa tanto à grande secura do vale do Douro português (600 mm de precipitação) como à dureza do Inverno do «Alto Trás-os-Montes». O P.^o CARVALHO ⁽¹⁸⁾ enumera a variedade de recursos locais duma aglomeração muito menos isolada do que hoje: grande quantidade de azeite, pão, algum vinho, muito gado, contrato da seda de que se obram panos de várias qualidades «que se espalham pelo Reino», alfândega, que indica passagens do Douro e relações com a Espanha que justificassem a sua existência; na vila habitava muita nobreza, que se repartia por 31 famílias. Com a decadência da fidalguia, o fim da indústria das sedas, o retraimento no comércio com a Espanha (de Vilar Formoso a Quintanilha, perto de Bragança, só se passa a raia pelo caminho-de-ferro em Barca de Alva), a transformação dos meios de transporte, com o advento do caminho-de-ferro (aliás deixando-a de lado) e das estradas, que alcançaram tardiamente os lugares raianos ⁽¹⁹⁾, Freixo estagnou, conservando a par de uma apagada vida local as marcas da sua passada prosperidade (2300 habitantes em 1911, 2500 em 1960, hoje desfalcados pela emigração, e 2100 em 1970 ⁽²⁰⁾). De qualquer forma, são a baixa altitude e a posição raiana da área de Freixo que tornaram possível o surto da sua economia e o desenvolvimento da povoação — uma vez mais, portanto, a base rural.

⁽¹⁸⁾ *Ob. e t. cit.*, p. 378.

⁽¹⁹⁾ Os transportadores antigos a distância eram os rios navegáveis (e o Douro tornou-se assim até Barca de Alva depois do rompimento do Cachão a que se aludiu acima) e, mais do que os carros, as réguas de mulas, que se acomodam a caminhos estreitos e declivosos. Aliás, a mercadoria que a vila fazia chegar a todo o Reino era de muito valor e pouco peso. Seria muito sugestivo estudar, com a construção do caminho-de-ferro e das estradas e a organização, cada vez mais rigorosa, da cobertura alfandegária e policial da fronteira (reforçada durante a Guerra de Espanha), o progressivo isolamento dos dois países peninsulares.

⁽²⁰⁾ Apenas 35 habitantes isolados em 1960.

6) Miranda do Douro, 250 vizinhos, «sobre crespos e fragosos penhascos» ⁽²¹⁾ a cavaleiro do rio. A divisão territorial romana, que englobou Portugal ao norte do Douro no *conventus* bracarense, fazia passar um limite entre este rio e o Sabor, pertencendo a área de Miranda ao *conventus* asturicense (Astorga). Quando se constituiu, nos começos da monarquia portuguesa, a Terra de Miranda, no sentido de uma circunscrição administrativa, promoveu-se o seu povoamento com gente oriunda de outros lugares de Portugal, mas também de Leão, com que continuou a haver contactos não só constantes mas, provavelmente, mais intensos. Como noutros lugares raianos, onde se procurou fixar população que assegurasse a defesa, Miranda foi couto de homiziados (criminosos a quem se concedia, a troco de residência obrigatória, a impunidade). As relações com Leão, tanto como o isolamento da área mais sertaneja de Portugal, explicam a formação e persistência, até aos nossos dias, do mirandês, dialecto afim do lionês — a fala *charra* usada nas aldeias, ao passo que na cidade, desde o século XVII ou XVIII, só se fala *grabe*, isto é, português. Relativamente ao século XVI, deixou-nos V. TABORDA ⁽²²⁾ um sucinto quadro: «As relações de Miranda com as vizinhas terras de Leão perduraram por muito tempo. O intercâmbio comercial do século XVI era muito activo, as relações sociais bastante íntimas. De Zamora, das terras de Sayago e Aliste, da Lua, de João do Campo, de Benavente e Alcañices se importava pão, linho, peles, burel, armas, cavalos, tudo o necessário à vida. Segundo se declara numa carta de D. Manuel, datada de 1521, os de Miranda recebiam dos povos leoneses fronteiros «*muito boa vizinhança ... e hera sustentamento pera os moradores de villa acodirem-lhes com os ditos mantimentos*». Os reis de Portugal e os senhores leoneses favoreciam este comércio. Miranda constitui assim dependência económica das férteis terras de pão do outro lado da fronteira. Por isso, os contactos eram diários, as relações sociais muito estreitas. Num privilégio

⁽²¹⁾ *Ob. e t. cit.*, pp. 422-425.

⁽²²⁾ *Ob. cit.*, p. 25. Cf. J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, 1941, pp. 82-90 e 179-189; *Estudos de Philologia Mirandesa*, vol. I, Lisboa, 1900, parte I.

concedido por D. João III em 1534 aos de Miranda diz-se que «*a dita villa e sua terra partia com castella e que de hũa parte e da outra cassavão seus filhos hũs com os outros*»; e nas cortes de Évora de 1535 declaravam os procuradores mirandeses que as gentes que representam «*por comfinarem com castela hiam la todos os dias e tornavam*».

Por várias vezes os reis concederam forais a Miranda, que, de «aldeia ignóbil» passou, no tempo de D. Denis, a uma boa vila fortificada, até que, em 1545, foi elevada a cidade e diocese ⁽²³⁾, desmembrada de Braga, que abrangia a maior parte do Minho e todo Trás-os-Montes. Procurou-se assim fixar um núcleo importante de povoamento perto de uma fronteira vulnerável. Porque, se a cidade é inexpugnável do lado da abrupta garganta do rio, a raia seca, mal demarcada por um alinhamento de colinas praticáveis, começa 12 km a montante, justamente no cotovelo que o Douro faz onde separa os dois estados. A pequena cidade fronteiriça alcançou, pelo prestígio dos seus bispos e pela actividade do cabido, certo relevo cultural ⁽²⁴⁾, até que, em 1762, quando a cercava o exército espanhol, a explosão do paiol arruinou definitivamente o castelo e muitas casas, matando cerca de quatrocentas pessoas. A povoação nunca se refez deste revés; no ano seguinte, o bispo transferiu a residência, e com ela a sede do bispado, para Bragança. Com 600 habitantes em 1911, 740 em 1940, voltou, com o fim das obras da barragem, a ser a mais pequena cidade portuguesa ⁽²⁵⁾ e a mais típica antiga urbe eclesiástica, derrogada das suas prerrogativas sem que se apagasse o arranjo urbano que haviam suscitado: sé monumental, tanto quanto a de Bragança é modesta, adro imponente, paço do bispo, em ruínas, provido dum amplo terreiro, praça municipal pequena mas digna, a que acedem a Rua da Costanilha, bordada de casas quinhen-

⁽²³⁾ Segundo o organizador da *Guia de Portugal*, vol. v, p. 987, foi então efectuado um «numeramento», apurando-se 1635 moradores; não indicando a fonte nem a que área se refere, este número não tem qualquer significado (287 na vila quinze anos antes).

⁽²⁴⁾ J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Estudos*, cit., pp. 126-149.

⁽²⁵⁾ 5200 habitantes em 1960; a população da sua freguesia desceu de 5867 naquele ano para 1563 em 1970, a maior diminuição relativa registada no último censo: fim das obras reforçado com a emigração.

tistas, e a larga e bem traçada Rua da Alfândega ⁽²⁶⁾, uma que leva à porta conservada, a outra à que foi demolida para que a camionagem nela pudesse penetrar. Em 1936 havia não só quintais mas campos de centeio dentro dos muros, quase nenhum comércio e uma única hospedaria com dois quartos; só com as obras da barragem se começou a construir fora das muralhas. Miranda possui hoje algumas lojas, três cafés e, fora do recinto antigo, uma pensão e uma pousada, esperando-se dar-lhe vida com a abertura, sobre a barragem, de uma estrada internacional ⁽²⁷⁾. Funcionalismo, comércio e sobretudo certo ar urbano nas construções e arruamentos, marcam forte contraste entre Miranda e as suas aldeias, puramente rurais, mesmo a maior de todas — Sendim, com mais população que a cidade (1500 habitantes em 1911, 1800 em 1940, 2000 em 1960, que baixaram para 1400 em 1970).

Erguida por uma vontade humana a cavaleiro do entalhe do rio, como sentinela da fronteira no extremo da superfície lisa da Meseta, além de condenada ao isolamento, foi uma cidade inviável, precisamente porque lhe faltou, por ausência duma depressão próxima, o estímulo duma vida rural mais diferenciada. Tão falha de capacidade de atracção que o «lugar central» do comércio das aldeias raianas fica num sítio ermo — a capela da Senhora do Naso —, apenas animada pela presença mensal dos feirantes ⁽²⁸⁾. De facto, são duas as mais importantes feiras de região (fazendo-se outras em

⁽²⁶⁾ Não existe rua direita; esta e a praça municipal concentram quase todo o pouco comércio e serviços da minúscula cidade.

⁽²⁷⁾ No tempo do P.^o CARVALHO existia uma barca no Douro, que as cheias às vezes levavam; contava-se que, há meio século, o passavam às vezes num cesto suspenso de um cabo de vai-vem — o que dá ideia da insignificância deste fluxo. Mas as relações com a Tierra del Pan e a Tierra de Vino fronteiriças faziam-se, a pé e a cavalo, pelos passos da raia seca. Os partidos judiciais (concelhos) de Alcañices e Bermillo de Sayago ficam sensivelmente à mesma distância que Vimioso e mais perto do que Mogadouro e a cidade de Zamora mais próxima do que Bragança. A inexistência duma estrada internacional isolou esta área da Espanha e Miranda, a cidade portuguesa de mais difícil acesso, não tira, ao contrário de Chaves, qualquer vantagem da sua posição fronteiriça.

⁽²⁸⁾ PAULA BORDALO LEMA mostrou-me e explicou-me a significação deste descampado.

várias aldeias e na própria cidade): Naso e Mogadouro, esta que deu à vila uma estrutura deslaçada, penetrando-a por um largo e alongado campo que se enche, todos os meses, com as barracas e estendais dos feirantes. O próprio caminho-de-ferro, que avançou penosamente de Moncorvo, se detém em Duas Igrejas, sem alcançar a cidade.

TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO

Como se tivesse na cabeça o «modelo» de uma correlação, o P.^o CARVALHO escreveu a propósito de Mirandela, modesta vila com 150 moradores: «É fértil o terreno assim da Vila, como dos lugares de seu termo, porque produzem muito azeite, e trigo, e moderado vinho, muitas hortaliças, e frutas: por sua fertilidade era capaz de uma povoação, se lho não impedira a destemperança do clima: tem muitos gados, bastante caça, e grande provimento de peixe dos rios, a que está vizinha; e assim nela, como no termo há muita criação dos bichos da seda.»⁽²⁰⁾ A «destemperança do clima» foi apenas a escapatória lógica para a estranheza aparente de uma povoação tão pequena numa área fértil e produtiva: para Vila Real, Bragança, Chaves, o mesmo autor indicou claramente o «vistoso e alegre plano», a «espaçosa e alegre planície», a «espaçosa veiga», isto é, o assento ou sítio de que estas aglomerações tiram, por causa da fertilidade e das culturas, razão da sua proeminência. Condições favoráveis existem também em Mirandela, sem que a pequena vila delas pareça ter-se aproveitado. A depressão atravessada pelo Tua e sem saída pelas suas rechãs, é um abatimento complexo, ao longo talvez antes de flexuras que de falhas (a que falta a nitidez das cscarpas), afeiçoado e entalhado pela erosão recente. «A região de Mirandela é outra das zonas de transição anexadas ao Alto Trás-os-Montes. O solo abaixa-se progressivamente na direcção da confluência do Tuela e Rabaçal, formando uma depressão com altitudes de 400 a 500 m, entre terras mais altas. O vale de Mirandela ocupa o centro desta bacia, o seu ponto mais baixo (250 m). Uma moldura de serras preserva-a, a norte e leste, da acção dos ventos conti-

⁽²⁰⁾ *Ob. e t. cit.*, p. 395.

nentais; para ocidente, o solo vai-se erguendo gradualmente até ao sistema orográfico da Padrela, através da região de Valpaços. Estas condições particulares explicam o clima — clima nítido de vale, de invernos temperados, verões ardentes, acentuadamente seco, de tipo duriense. Mas a sua *facies* agrícola é mixta: os cereais, especialmente o centeio, entram por toda a parte em contacto com a oliveira e a vinha. O vale de Mirandela, onde a oliveira e as culturas hortícolas dominam, pode induzir em erro acerca do clima agrícola e do tom geral da paisagem no resto da região; eles têm mais afinidades com o Alto Trás-os-Montes do que com a região duriense.»⁽²⁰⁾ Todavia LAUTENSACH⁽²¹⁾, pela paisagem natural e cultural, não hesitou em a ligar à progressão da vaga de erosão recente ao longo do Douro e dos seus afluentes e à economia de *quintas* vinícolas e azeiteiras do Alto Douro. É ainda o principal centro de produção de cortiça do Norte de Portugal, depois de ter sido um dos lugares onde a indústria da seda se manteve mais próspera. Mirandela, com a formosa e antiga ponte sobre o Tua, é a principal encruzilhada de Trás-os-Montes, com ligação directa para Vila Real, Bragança e Chaves (fig. 2). Mercado agrícola de uma área de culturas ricas, é um centro regional de certa importância, que dissimula, sob a aparente fachada urbana da rua principal, que é também a estrada, uma vila de aparência modesta e pouca população, embora progressiva (2300 habitantes em 1911, 3800 em 1960). A sua posição privilegiada permite prever-lhe um progresso, que anunciam já, no seu comércio, os estabelecimentos de utensílios e de máquinas agrícolas e a presença de alguns armazenistas. Aí foi colocada a sede da brigada agrícola correspondente aos distritos de Bragança e Vila Real.

TABORDA⁽²²⁾ esboçou, com a mestria habitual, o desenvolvimento e as crises da indústria da sede até à sua «completa ruína» em 1876, com a generalização da moléstia do sirgo, a concorrência da laboração mecânica e a moda, que fez diminuir muito o consumo deste têxtil. Foi um horizonte de

⁽²⁰⁾ TABORDA, *ob. cit.*, p. 16.

⁽²¹⁾ *Portugal*, Ergheft Petermanns Mitt., Gotha, t. I, 1932, p. 49, t. II, 1937, cap. v.

⁽²²⁾ *Ob. cit.*, pp. 174-178.

trabalho artesanal que se fechou nas várias povoações onde era exercido; mas a sua importância pode avaliar-se não só pela plantação de amoreiras onde o clima das depressões o permitia mas pela importação de parte da matéria-prima, principalmente da Itália. «A fábrica de Bragança é das mais famosas não só da província mas de todo o reino» — escrevia um economista em 1783. O fim desta indústria causou à

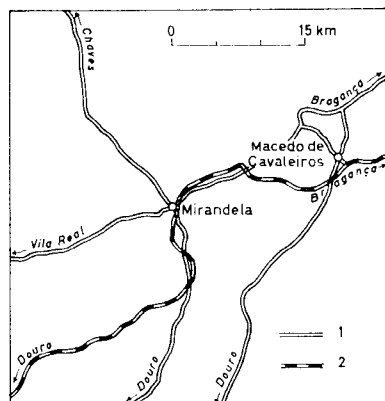


Fig. 2 — O cruzamento de Mirandela. 1 — Estradas principais; 2 — caminho-de-ferro.

economia de Trás-os-Montes, à excepção da vinha do Douro e do azeite desta área e de Mirandela, um maior isolamento. Daí a tonalidade rural que mantinham, há menos de meio século, as suas aglomerações urbanas. «Cidades características dum país isolado, dum região agrícola de progressos lentos, Bragança e Chaves só dão verdadeiramente a imagem da função que desempenham quando as suas ruas um pouco sonolentas se animam dum rumor

novo e dum nova actividade pela afluência dos camponeses, em dias de feira ou de mercado.»⁽³³⁾

A reforma administrativa do Liberalismo vibrou um rude golpe na organização municipal tradicional, muitas vilas passando a simples freguesias, quando a sua pequenez e debilidade económica pareciam aconselhar a sua incorporação em concelhos mais vastos. Todas as sedes destas circunscrições, excepto a Régua (pelas razões a que já se aludiu), são antigas. Uma única faz excepção — Macedo de Cavaleiros, modesta aldeia elevada a vila em 1863, depois de várias vicissitudes, e incorporando vários concelhos extintos. Protestos e tumultos promovidos pelas antigas vilas desfavorecidas prolongaram-se até 1911⁽³⁴⁾. A estrada de Vila

⁽³³⁾ TABORDA, *ob. cit.*, p. 209.

⁽³⁴⁾ ARMANDO PIRES, *O Concelho de Macedo de Cavaleiros, Bragança*, 1963.

Real a Bragança, por Mirandela, aberta por 1878, passou ao lado de Macedo, até que se construiu um pequeno ramal; o caminho-de-ferro, detido em Mirandela durante vinte anos, alcançou-o em 1907 (fig. 2). Duas feiras mensais muito concorridas são anteriores à criação do novo concelho. A vila tem vindo a crescer: 1400 habitantes em 1911, 2600 em 1960 e a freguesia, que engloba duas pequenas aldeias, passou de 1780 habitantes em 1911 a 3240 em 1970, sendo das poucas de Trás-os-Montes que, nos últimos dez anos, ganharam população. O largo e a rua principal, por onde se espalham os feirantes, concentra o comércio a retalho; mas, na rua da estação, mais desafogada, têm vindo a instalar-se tendeiros de várias aldeias (principalmente de Carção), que se transformaram em armazenistas, distribuindo a mercadoria em *fourgonettes*⁽³⁵⁾. A situação central de Macedo, próximo dum dos principais eixos rodoviários da província, fez com que aí se instalasse um centro de distribuição de peixe conservado em gelo, que cobre a maior área do Norte do País (fig. 3). No futuro é possível que Macedo, como Mirandela, se venham a desenvolver como vilas urbanas, em detrimento de aglomerações que, desde o século XVII, foram perdendo importância. Convém ainda notar que a vila e os seus arredores ocupam o fundo de uma bacia tectónica, um pouco abaixo de 600 m, entre os *horsts* das Serras de Bornes e de Nogueira, e que o verde-claro de densos olivais indica uma das culturas mais espalhadas e mais rendosas desta área. Nela aparecem, entre os soutos das encostas e das redondezas das velhas aldeias, novos pomares de pessegueiros e ameixoeiras e, nos fundos mais abrigados, amendoeiras. Para além do seu comércio fixo e das suas feiras e armazenistas, Macedo é um centro agrícola relativamente próspero.

Que conclusões podemos tirar destes confrontos? Que, numa área de clima austero de planaltos, as depressões criam às cidades, com a diversificação da sua base rural, condições favoráveis de desenvolvimento: não só pelo excedente comercial de culturas ricas (vinho, azeite, regadio), e por um têxtil hoje desaparecido, mas que tanto pesou na economia antiga da província (a seda e ainda o cânhamo na Vilariga), como

⁽³⁵⁾ Relatório inédito de PAULA BORDALO LEMA.

pelas feiras e pelo comércio local que se estabeleceram nos centros nodais dessas depressões. A convergência natural dos caminhos nestas áreas de trânsito mais fácil engendra uma vida de relação mais intensa, a que as funções administrativas impõem como uma chancela. Estradas e caminhos-de-ferro

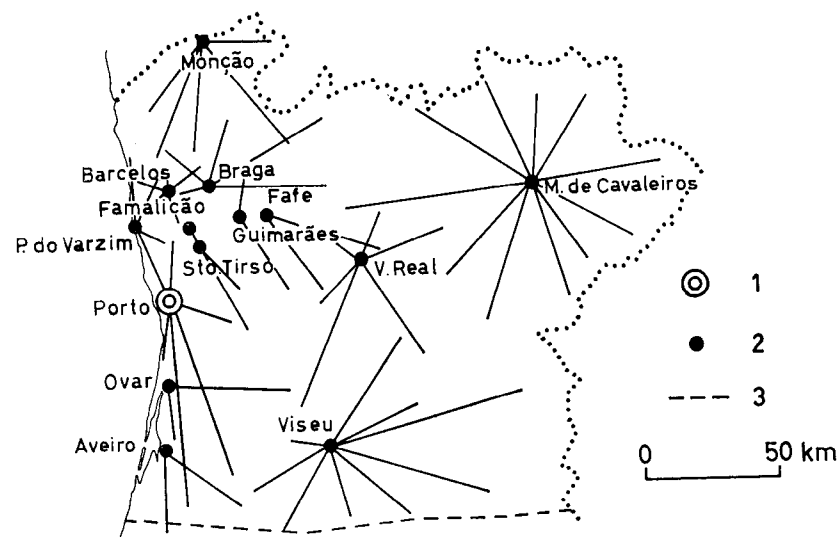


Fig. 3 — A distribuição do peixe no Norte do País em 1970. (SAPP: Serviço de Abastecimento de Peixe ao País). 1 — Centro principal; 2 — centro distribuidor; 3 — limite da zona servida a partir do Porto.

decalcam ou modificam a rede tradicional de comunicações. A prevalência do transporte automóvel parece favorecer novos eixos e novos centros, sem apagar a força ou inércia das condições originárias. Prosperaram as *Termas de Flávio* (Chaves), onde a ponte romana fixou para sempre um local de passagem numa veiga fértil, enlanguesceu Miranda, faltando-lhe dinamismo para se refazer dos seus reveses militares, quando afinal foi criada como sentinela da fronteira, «sobre crespos e fragosos penhascos», junto de um rio que é mais um obstáculo do que um lugar de comunicação com a Espanha. Acode ao espírito a comparação com a Guarda, fundada, com o mesmo propósito, no final do século XII: mas esta tem o seu aro rural próximo, embora disjunto, no espaçoso e pro-

fundo fosso do Mondego, a montante do alvéolo tectónico de Celorico; aí existem densos olivais, vinhas, hortas e «quintas», onde os notáveis da Guarda costumavam passar não a calma de Verão mas as frialdades do Inverno.

Resta explicar a debilidade da rede urbana de Trás-os-Montes e a pequenez de Mirandela em relação à sua bacia. Uma vez mais, são as estruturas agrárias que esclarecem a estrutura urbana. A região possui, como nenhuma outra, aldeias coesas marcadas por forte tradição comunitária⁽³⁶⁾, obliterada com os progressos da agricultura e das vias de comunicação no último século (G. PERY computava em dois terços a área baldia de Trás-os-Montes, por 1875): sorteio periódico do «monte» maninho, pastos comuns, rebanhos juntos, guardados à vez pelos donos, *boi do povo* e respectivo prado privativo, trabalhos agrícolas feitos em auxílio mútuo, existência de um conselho de chefes de família, que decidia nos casos de interesse colectivo, forno comum, etc. — formas variáveis de lugar para lugar e de que Rio de Onor ministra o exemplo mais completo. Estas tradições vão desaparecendo de ano para ano, sem se extinguirem completamente na consciência dos que as praticaram: a recente alta de salários, provocada pela emigração, fez voltar à *torna-geira* ou ajuda por ajuda, compensando uns e outros exploradores nas fainas agrícolas sem recorrer ao dinheiro.

PAULA BORDALO LEMA, em artigo do mesmo número desta revista, estuda o exemplo de algumas «aldeias diferenciadas», não apenas rurais, com ofícios hoje extintos ou decadentes, pequenas lojas, tendeiros e almocreves, que se adaptaram ao transporte automóvel e se vão mudando para vilas menos isoladas e, por isso, mais próprias à difusão do comércio

⁽³⁶⁾ Ver O. RIBEIRO, «Villages et communautés rurales au Portugal», *Biblos*, vol. XVI, Coimbra, 1940, e JORGE DIAS, *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-pastoril*, Porto, 1953, 610 p., com uma introdução geral amplamente documentada. Relativamente à montanha do Barroso, ver BODO FREUND, *Siedlungs- und agrargeographische Studien in der Terra de Barroso*, Frankfurter Geog. Heft, 48, 1970, 252 p. e muita ilustração, condensado em parte no artigo «La genèse des formes de l'habitat dans la Terra de Barroso», *Finisterra*, v, 9, 1970. Brevemente será publicada na colecção *Chorographia* uma monografia de Tourém, de PAULA BORDALO LEMA, que estuda esta aldeia no duplo aspecto raiano e barrosão.

ambulante. Essa «diferenciação» não escapara a TABORDA, que se refere precisamente a duas das três aldeias estudadas: «A estatística já referida de 1796 aponta em Outubro 240 fabricantes de courama, os quais, embora o inquérito o não diga, deviam pertencer às povoações de Carção e Argozelo, então do termo da vila de Outeiro, hoje do concelho de Vimioso. Na primeira a manufactura extinguiu-se há três anos, mas em Argozelo ainda existem pequenos estabelecimentos com os seus poços — os *pelames* e *omadouros* — para a curtimenta, que se faz por processos bastante primitivos. Fabricam-se peles de carneiro ou de cabra e de vaca — as *carneiras*, *esquinote* e *cordovom* da tecnologia local.»⁽³⁷⁾ Noutro lugar, menciona Chacim, modesta vila hoje incorporada no concelho de Macedo de Cavaleiros: «Chacim é então (séc. XVIII) um centro muito industrial com manufactura de gorgorões, mantos, veludos lavrados e lisos que faziam viver muita gente e animavam o trabalho de 70 teares e mais de vinte tornos de torcer. Parte da matéria-prima era importada; a Itália fornecia a seda para os tafetás doubles e a mais fina da província empregava-se na confecção dos mantos e veludos. Com Chacim concorria Bragança, que exerce durante algum tempo o primado entre os centros industriais trasmontanos.»⁽³⁸⁾ Tudo isto desapareceu, mas ainda se vêem, nas ruas de aldeia, mulheres fiando lã e fazendo meia, e são vulgares os teares caseiros.

Algumas aldeias, com os seus mesteres caseiros e pequenos comércios, são lugares de convívio, animados, várias vezes por ano (muitas delas em cada mês), por feiras importantes que ocupam os terrenos vagos e invadem as ruas menos estreitas. O número de estendais e a multidão de concorrentes contrasta, não raro, com a pequenês da aldeia e mostra quanta força de coesão possui ainda esta forma de comércio ambulante. Parece até que o dinheiro da emigração, aumentando o poder de compra, lhe insuflou nova vida. Vimos já como até um lugar ermo conseguiu, pela romaria, fixar a mais importante feira da Terra de Miranda.

⁽³⁷⁾ *Op. cit.*, p. 181.

⁽³⁸⁾ *Idem*, p. 175.

Quanto às depressões de Mirandela, com uma vila pequena como centro, e da Vilarça, comandada por um lugar exterior, a ausência de estruturas urbanas pode explicar-se por uma organização suburbana à distância — a *quinta* —, que comanda, dum lugar afastado (o Porto, no caso do Alto Douro vinhateiro), a exploração agrícola. Por isso esta região não tem mais do que um modesto centro regional, a Régua, vila com certo cariz urbano, mas estrangida pelo sítio que lhe dificulta qualquer desenvolvimento (4200 habitantes em 1911, 5500 em 1960). Por isso o Pinhão, servido pelo caminho-de-ferro e encruzilhada de estradas, segundo lugar na carregação de pipas, depois da Régua, não passa de uma rua com muito comércio, alguns cafés e tabernas e três pensões (370 habitantes em 1911, 570 em 1960); aí fica a entrada da opulenta Quinta da Rueda, dirigida no trabalho agrícola pelos seus longínquos senhores do Porto. Barca de Alva e Pocinho (este na margem sul) são ainda mais insignificantes pela população e pelas funções. Todo o Douro é, neste sentido, uma sorte de enorme aro rural da grande aglomeração portuense, das suas adegas de tratamento do vinho fino e do seu comércio de exportação.

Utilizei apenas, completando-as com dados e observações dos nossos dias, dois «momentos» da evolução dos principais centros povoados de Trás-os-Montes: 1530 e o fim do século XVII. Percorrendo textos de outros corógrafos e espiolhando criteriosamente algumas monografias locais, poderia levar mais longe estas notas. Elas pretendem apenas levantar problemas e indicar pistas de pesquisa para os resolver: o fenómeno urbano, se às vezes parece independente e autónomo, outras muitas só se compreende enlaçado no quadro natural e rural, captando embora influências e relações distantes que a cidade tem o privilégio de receber e difundir.

ORLANDO RIBEIRO

RÉSUMÉ

Localisation et destin des centres urbains de Trás-os-Montes. Dans le climat austère des plateaux de Trás-os-Montes, une série de dépressions tectoniques aménagées par l'érosion supportent une occupation agraire plus différenciée: irrigation, olivettes, vignobles, autrefois plantations de mûriers, fondement de l'industrie de la soie qui s'est éteinte en 1876 après quelques années de déclin. Presque toutes ces dépressions possèdent un petit centre, carrefour de routes, lieu de foires et marchés, dont l'essor, rural à l'origine, lui assure un certain développement urbain. La comparaison du dénombrement de 1530, d'une estimation de la fin du XVII^e siècle (en feux) et des recensements de 1911 et 1960 fait ressortir quelques changements significatifs. Avec la navigation sur le Douro et les sentiers muletiers, certains produits de valeur, comme le vin et la soie étaient acheminés vers Lisbonne ou même exportés (vin de Porto). Malgré la gorge sauvage du fleuve frontalier, le gros bourg de Freixo de Espada Cinta possédait une douane au XVII^e siècle; Miranda avait, au XVI^e siècle, plus de rapports avec Léon qu'avec le reste du Portugal (par la frontière du plateau). La création d'un évêché (1545-1762) imprima à la plus petite ville portugaise actuelle (un millier d'habitants) un aspect urbain qui contraste avec celui des gros villages de la région. Miranda, sur le plateau de la Meseta, n'ayant pas à proximité de dépression fertile, était une ville condamnée à la stagnation et au déclin malgré les efforts de la Couronne pour assurer son développement.

La pénétration des chemins de fer et des routes modernes fut tardive et l'isolement de Trás-os-Montes pesa sur le destin de ses petites villes. Bragança (8000 habitants) est le plus modeste et le moins équipé des chefs-lieux de districts du Portugal; Vila Real (10 000) bénéficie de sa position de carrefour et de la proximité du Douro avec ses cultures riches; Chaves (13 000), après avoir joué un rôle de place forte frontalière et de ville d'eau, s'est adapté au flot touristique qui la traverse. Certains bourgs (Mirandela, Macedo), commandant eux aussi de riches dépressions agricoles et favorisés par leur position, commencent à jouer un certain rôle comme centres de distribution de marchandises diverses. L'absence de gros centres et la rareté des petites villes doit être envisagée dans le cadre de la vie rurale de Trás-os-Montes: autarcie des agglomérations à forte tradition communautaire, foisonnement des petits métiers (soieries, tanneries, aujourd'hui disparus) dans lesquels se spécialisaient quelques villages, villages de colporteurs qui s'adaptent aux exigences des transports modernes, importance et généralité des foires, même dans de petites agglomérations, où le paysan peut se procurer ce que fournit habituellement le commerce urbain.

La partie sud de la province de Trás-os-Montes appartient à une région toute différente: le Douro, avec ses vignobles et, vers l'est, ses plantations d'oliviers et d'amandiers. Un seul centre, Régua (5500 habitants), ancien port fluvial desservant deux villes proches, s'est développé

à l'endroit où une ligne de fracture croise la vallée. L'organisation de toute l'économie agraire, la *quinta* (exploitation viticole) est commandée à distance par les commerçants et exportateurs de Porto.

SUMMARY

Geographical situation and destiny of the urban Centres of Trás-os-Montes. In the harsh climate of the plateaux of Trás-os-Montes a series of tectonic depressions, modified by erosion, allow for more varied agrarian exploitation: irrigation, olive groves, vineyards, formerly mulberry plantations, the basis of the silk industry which died out in 1876 after several years of decline. Virtually all these depressions have a small centre, a crossroads, a place for rural fairs and markets, whose growth, originally rural, assures it of an appreciable urban development. Comparison of censi in 1530, the estimated figure at the close of the XVIIth Century (in house hold) and the censi of 1911 and 1960 emphasize several significant changes. With navigation on the Douro and the mule tracks, certain valuable products such as wine and silk were dispatched to Lisbon or even exported (Port wine). Despite the wild narrow of the border river, the large market town of Freixo de Espada Cinta had a custom post in the XVIIth Century; Miranda, in the XVth Century, had closer ties with Leon than with the rest of Portugal (by way of the plateau frontier). The creation of a bishopric (1545-1762) lent to what is today the smallest Portuguese town (one thousand inhabitants) an urban aspect which contrasts with that of the large villages of the region. With no fertile depression close at hand, standing on the plateau of the Meseta, Miranda was a town doomed to stagnation and decline despite efforts by the Crown to ensure its development.

Penetration of railways and modern roads was slow and the isolated situation of Trás-os-Montes weighed heavily on the destiny of these small towns. Bragança (8,000 inhabitants) is the most modest and least equipped of the administrative heads of «distritos» in Portugal; Vila Real (10,000 inhabitants) benefits from its situation as a crossroads as well as its proximity to the Douro and its rich crops; Chaves (13,000), after having played a role of fortified frontier town and Spa, adapted itself to the tourist traffic which passes through. Certain market towns (Mirandela, Macedo) also command such agricultural depressions, and, favoured, due to their position, are beginning to play a significant role as centres of distribution for different merchandises. The absence of large centres and the scarcity of small towns should be appreciated in the context of rural life of Trás-os-Montes: self-supporting economy of the villages with a strong community tradition, great number of small trades (the silk industry and tanneries, which have disappeared today) in which several villages specialize, villages of pedlars which adapt to the demands of modern transport, importance and general distribution of country fairs, even in the small communities,

where the peasants can obtain that which is regularly provided by urban trade.

The southern area of the Province of Trás-os-Montes belongs to a completely different region; the Douro, with its vineyards and, to the east, its olive and almond trees. One centre only, Régua (5,500 inhabitants), an old river port serving two close towns, has developed at the point where a fracture line crosses the valley. The organisation of all agrarian economy, the «quinta» (wine farm), is controlled by the businessmen and exporters from Porto.